Capítulo 1

Áquila

As vozes alteradas no corredor da masmorra sobressaem aos sons das goteiras que ecoam nas paredes. O cheiro pútrido de restos mortais rasga o canal do meu nariz e uma dor pulsante em minhas costas se intensifica, alastrando para o restante do meu corpo.

Meu sangue pinga de algum ferimento qualquer formando uma poça aos meus pés. O som de passos próximo à sala de tortura desperta minha atenção. Levanto a cabeça em uma tentativa de ver através da névoa que nubla meus olhos.

O algoz para o açoite no ar quando a porta se abre, interrompendo sua ação e me livrando de mais uma dor agonizante. Ele cospe no chão em desagrado pela interrupção, mas deixa sua mão cair e olha com um interesse misturado com irritabilidade para quem interrompeu seus planos.

Um homem vestido impecavelmente adentra o aposento, fecha a porta com um estrondo e com toda sua imponência de futuro Rei, marcha até nós. O tempo parece parar enquanto seus passos o trazem para mais perto.

— Solte-o! — Ele ordena ao algoz, que fecha com força seus dedos da mão esquerda ao redor do cabo de seu acoite.

Abro um sorriso diante essa reviravolta. Pelo gosto metálico em minha boca, imagino que meus dentes estejam manchados de sangue. O príncipe me observa com afinco enquanto meu torturador pondera se irá ceder às exigências de Sua Alteza.

Faço o mesmo com ele. Noto sua bota de couro de cano alto e reluzente, suas luvas pretas e suas vestes de montaria. Pelo seu cabelo revolto e seu olhar cansado, imagino que mal chegou de sua viagem e já correu ao meu resgate. Paro o olhar em seu rosto, o qual já fui bastante familiarizado no passado. Mesmo após esses longos anos, ainda consigo identificar todos seus traços marcantes, semelhantes aos meus. Menos os olhos, os dele são verdes como o da Rainha.

Em sua testa há um vinco e sua boca está levemente repuxada para o lado. Seus olhos perscrutam meu corpo, desde minhas mãos atadas por uma corda amarrada ao teto, até meu peito nu, marcado com estirões recentes — esses devo dar crédito ao torturador atual

—, e então, seu olhar é atraído para o meu pior ferimento, o do abdômen.

Meus pés descalços escorregam no meu próprio sangue ao tentar me manter firme. Mesmo sob tais circunstâncias, ainda me preocupo em manter minha postura de soldado e me mostrar digno de estar em sua presença.

- Vossa Alteza. O algoz faz uma pequena mesura com a cabeça em cumprimento ao príncipe.
- Mandei soltá-lo. O herdeiro do trono desvia os olhos dos meus ferimentos e rosna em sua direção.
- Estou apenas cumprindo ordens do Rei o algoz diz em um tom de insubordinação —, Vossa Alteza. Ele complementa como se as palavras produzissem um gosto amargo em sua boca.
- Questionará as minhas ordens? O príncipe diz sem alterar o tom de voz, mas a forma como pronuncia as palavras *me* causa um mal-estar.

Enquanto para mim foram anos de treino para ser o Guerreiro mais brutal deste mundo, para ele foram anos de treinamento para ser o maior Rei da história de Yerus.

 Não, Vossa Alteza. — O algoz fecha o semblante ao perceber que não há outra alternativa senão a de cumprir a ordem imposta e me livrar desse castigo.

Sem soltar o açoite, meu torturador caminha lentamente em minha direção, retira um punhal do seu cinto de armas e em seguida corta lentamente a corda acima do meu pulso. Ele levaria bem menos tempo para essa simples tarefa, mas o homem está acostumado a fazer movimentos leves e calculados para infligir dor.

Quando fico livre, caio no chão sem cerimônia alguma. Trinco os dentes e levo as mãos ao ferimento do abdômen.

Minhas vistas nublam com a dor intensa do impacto e, do chão, cuspo o sangue acumulado na boca — bem próximo aos pés desse cretino. Posso estar destroçado fisicamente, porém não perco a oportunidade de provocá-lo quando ela aparece tão repentinamente. Se a situação fosse minimamente favorável a mim, faria muito pior a ele.

Indignado com minha ousadia, o algoz levanta o açoite no ar enquanto o príncipe vira o rosto para o outro lado. Institivamente me reteso a espera de mais uma lesão em retaliação ao meu comportamento. O chicote encontra minha pele das costas e o golpe rasga sobre feridas anteriores, provocando uma ardência descomunal.

O impacto da corda me arranca um urro vindo das entranhas. Minha cabeça dói e minha visão embaça. Vejo tudo em preto com pontos brilhando. Até então consegui reter cada golpe sem emitir um ruído sequer, mas ele não tinha de fato começado sua brincadeira. Tudo poderia ter sido muito pior. Sei muito bem disso, não apenas por ter revelado sua verdadeira força nesse açoite, mas também porque se nossos papéis se invertessem eu o causaria muito mais dor.

Livro meus punhos do restante da corda e a deixo cair sobre a possa do meu sangue no chão. Levanto tentando manter minha compostura de sempre, mas trata-se de uma tarefa impossível. Deslizo e caio sobre meus joelhos.

O algoz faz um gesto quase imperceptível de reverência ao príncipe e se retira. O herdeiro do trono mantém sua postura ereta e o olhar frio acompanhando cada passo que ele dá, até ficarmos a sós no breu do calabouço apertado e fedorento.

 Você é um tolo — o príncipe diz sério e abre um sorriso em seguida. — Às vezes penso que é algum tipo de sádico.

Ele diminui a distância entre nós, passa seus braços por baixo dos meus e me ajuda a ficar sobre meus pés. Deixo meu peso cair sobre um de seus ombros para conseguir me firmar.

- Não consegui me conter, Vossa Alteza. digo com um riso zombeteiro.
- E ainda têm a audácia de debochar do seu príncipe! O afasto quando enfim sinto confiança em minhas pernas para ficarem firmes sem a necessidade dele. Nosso pai está furioso com você, Áquila. Meus pés mal pisaram o gramado e assim que ouvi a notícia de que você estava aqui, vim correndo para resgatá-lo Ele me repreende como se fosse minha culpa eu estar na sala de torturas.
- Não era necessário, Rakar cerro os dentes e digo a meu irmão, futuro Rei de Yerus.

Me afasto dele e massageio meus pulsos que sustentaram o peso do meu corpo durante horas. É difícil distinguir qual parte do meu corpo dói mais.

— Seja ao menos grato. — Rakar finge mágoa. Um teatro no qual eu jamais cairia.

Fomos criados para não termos sentimentos que reflitam qualquer tipo de fraqueza. A diferença entre nós dois é que meu irmão consegue forjar falsas emoções com maestria.

Obrigado — digo a contragosto —, mas eu estava indo bem.

Há muito aprendi a reprimir a ardência de feridas causadas em cativeiros. O algoz de hoje não teve muito tempo para executar um trabalho que surtisse de fato algum efeito em mim. Se não fosse pela ferida no abdômen, Rakar me encontraria em melhores condições, uma vez que foi veloz para me livrar da tortura que eu estava submetido a mando do Rei, nosso pai.

Meu irmão balança a cabeça em desaprovação, mas sorri. Acredito que, apesar de tudo, ele realmente está feliz por me reencontrar.

— Tudo tem seu preço — ele diz com o sorriso esvaindo de seu rosto. Meu irmão não chega a manter a postura costumeira com os outros, mas seus ombros enrijecem levemente. — Não posso encontrar nosso pai sem as informações que ele mandou o algoz arrancar de você.

Não me surpreendo. Embora tenha muito poder, Rakar ainda é limitado pelo Rei e o serve. Não esperava por menos, era certo que minha liberdade viria com um preço.

— Mas primeiro sairemos desse lugar. — Ele enruga o nariz ao observar o nosso redor e leva um lenço ao rosto. — Esse cheiro pútrido é intragável.

Meu irmão se vira, indicando que tudo o que me resta é seguir seu comando. Sigo atrás dele em direção ao que um dia foi meu lar, o suntuoso Palácio de Pedralhos. Rakar diminui os passos para que eu consiga acompanhá-lo.

Somos escoltados das câmaras de tortura até a superfície, onde se encontra todo o esplendor da obra do Rei. Rakar dita ordens para os soldados me levarem ao meu antigo aposento antes de virar as costas e seguir pelo caminho contrário. Em uma outra torre, sou recebido com um serviço digno da realeza já a minha espera. Três criados estão a postos para tratarem meus ferimentos, me limparem e me vestirem de acordo como um príncipe deve se portar. Esse tratamento exclusivo, devo ao meu irmão.

Meu quarto está exatamente da mesma forma que me recordo desde que o deixei antes mesmo de ter que me infiltrar em Fayrehal. Todo esse luxo não surte efeito em mim, fico indiferente as cortinas de veludo verde musgo que se estendem do teto ao chão e até mesmo da cama alta com dossel, com suas roupas fazendo par com as cortinas. Com certeza a Rainha foi a responsável por manter este lugar intacto. Para mim, poderia ser apenas o tapete que me sentiria da mesma forma.

O palácio, Fayrehal, a mata, não importa. Apenas minhas obrigações são dignas da minha atenção.

O príncipe herdeiro, a segunda pessoa de maior poder de todo nosso Reino, aparece após eu estar adequadamente vestido. Ele adentra meu quarto sem esperar por um convite e interrompe minha inspeção.

Acompanho seus movimentos até ele se sentar em uma poltrona como se estivesse em seu próprio quarto. Ele cruza as pernas e me observa com olhos brilhantes de felicidade. Entusiasmado, Rakar aponta para a poltrona a sua frente em uma ordem clara, embora sutil. Instantaneamente me preparo para um tipo diferente de tortura.

- Gosto dessa situação tanto quanto você. Rakar diz quando me sento. Procuro me posicionar de forma a não sobrecarregar meus recentes ferimentos, mesmo que após os láudanos minha dor tenha aliviado, mas isso não quer dizer que não possa piorar depois que o efeito anestesiante passar.
 - Não há o que ser dito, Rakar digo de forma definitiva.
- Fora sete anos, Áquila. Há algo a ser dito, e você me dirá para que nosso pai fique satisfeito e, finalmente, possamos nos livrar dessa tarefa enfadonha. Prefiro as comemorações, então, por favor,
 ele amansa a voz — vamos lidar com isso o quanto antes.

Faço um gesto com as mãos para que comece o interrogatório. Espero que meu irmão refaça as mesmas perguntas que o algoz, mas ele muda sua postura e relaxa na poltrona. Como foi treinar com os Guerreiros de Fayrehal? — ele pergunta. — Suas cartas passaram a ser cada vez mais curtas e menos detalhadas. Apenas relatórios que nos orientavam, mas quero saber como meu irmão mais novo se sentiu morando naquele vilarejo.

Pergunta amena, que não preciso pensar muito para responder.

Levo a mão sobre a ferida do abdômen, me ajeito no assento e então conto a ele como foi os primeiros dias assumindo o papel de filho do maior Guerreiro de Yerus. Rakar inclina o corpo em minha direção e ouve atentamente meu relato. Ele sorri nas horas certas e mantém a conversa em tom de cumplicidade entre dois irmãos. Quando me pergunta se mestre Ponda não desconfiou da nossa história e respondo que não, ele abre um sorriso de escárnio.

— Nem mesmo o *mestre* Ponda, que se julga de alta inteligência, é páreo para o Rei, que infiltrou seu próprio filho entre os Guerreiros de Fayrehal para destruí-lo de dentro para fora. — Rakar solta uma risada de desdém. — Confesso que duvidei de que Ponda não desconfiaria de nada, mas ele não apenas comprou toda aquela ideia de filho do seu treinador, como te tornou o braço direito dele. Devemos brindar exclusivamente a esse feito.

Rakar se levanta e pede aos serviçais que tragam uma garrafa de vinho. Ele volta depois de fazer o pedido e se ajeita novamente na poltrona, assumindo uma posição confortável, claramente exultante com o resultado da minha missão. Enquanto esperamos o vinho para celebrar essa vitória, fico perdido em meus próprios pensamentos. Se a situação fosse outra, provavelmente estaria em êxtase assim como meu irmão.

Foi uma missão arriscada, uma vez que mestre Ponda é ardiloso e esperto, além de ter uma grande influência na nobreza. Agora não mais, graças a sua sede por poder deixá-lo vulnerável a ponto de enxergar em mim apenas o que eu queria que enxergasse. Ponda colocou o filho do maior Guerreiro de Yerus no cargo de sua maior confiança, quando, na verdade, estava trazendo para mais perto o inimigo.

Atribuo meu sucesso ao fato da minha história contada não ter sido apenas treinada, mas vivida para que não houvesse margem para dúvida quanto a veracidade de minhas origens.

O Rei desconfiava da lealdade do mestre Ponda quando o filho do meu treinador, o Guerreiro mais famoso de todo o mundo, compadeceu de uma doença comum entre crianças. Foi então que ele teve a brilhante ideia de inverter nossas identidades. Eu, seu segundo filho, fui entregue para ser criado pelo maior Guerreiro de Yerus, enquanto a outra criança morta assumiu minha identidade.

Poucos sabiam dessa troca. Apenas a família real e outras duas crianças que foram escolhidas para me acompanharem nessa missão: Helena e Máximus.

Ao completar quatorze primaveras, Helena e eu fomos infiltrados em Fayrehal. Minha falsa justificava era a de seguir os passos do meu lendário pai. Enquanto a da Helena era para formar uma aliança estreita entre sua família e mestra Ponda, quando, na verdade, ela e Máximus, que ficou no BOP, eram a conexão entre mim e o Rei.

Meus pensamentos são interrompidos quando enfim o vinho chega. Rakar se deleita ao me pedir para contar novamente todos os detalhes que deixei de fora em nossa troca de correspondências.

- Como foi quando a Viajante apareceu? ele pergunta após rir das histórias que contei. Meu sorriso some e reteso na cadeira. Imediatamente procuro voltar para a postura descontraída de antes, mas meu irmão é rápido e percebe meu pequeno lapso.
- Como disse em meus relatórios, aquela garota é apenas uma ladra, que roubou o Orientador em um centro comercial do seu mundo.
 Finjo desinteresse e bebo um gole do vinho que meu irmão nos serviu.

Rakar acena com a cabeça e sorri para mim. Ele bebe um gole grande de vinho e me observa por cima da taça. Fico parado em meu lugar ponderando todas minhas ações. Beber não é uma opção. É essa a arma que meu irmão está usando contra mim.

O príncipe coloca sua taça de lado, se inclina sobre a mesa e levanta a garrafa colocando-a contra a luz para observar a coloração do líquido.

- Uma péssima safra, não acha?
 Ele analisa a garrafa.
 Concordo e penso nos meus movimentos procurando agir de forma natural.
 Mandarei nos trazerem outra.
- Sábia decisão. Abro um sorriso e meu irmão se levanta, me deixando sozinho.

Coloco minha taça sobre a mesa e também me levanto. Rakar é esperto e sabe como conduzir uma confissão, essa sempre foi sua especialidade e eu me deixei ser envolvido por ele.

Embora não tenhamos sido criados sob o mesmo teto, as aulas de luta em sua agenda de futuro príncipe eram feitas em conjunto com o meu grupo de treinamento. Além disso, sempre que tinha um horário livre, Rakar vinha a meu encontro.

Talvez sejam resquícios do seu senso de proteção de irmão mais velho. Enquanto para mim não resta nenhuma sombra da pessoa que eu costumava ser. Minha alma foi destruída e parei de me importar com qualquer pessoa ao meu redor, até mesmo ele. Assumi verdadeiramente meu papel e me transformei no assassino cruel que o Rei tanto queria.

Depois de um episódio de tortura mental e física, Rakar tentou interceder perante o Rei ao meu favor, mas foi em vão. Não satisfeito, ele enfrentou meu treinador, mas acabou sentindo na própria pele apenas um terço do que acontecia a mim. Foi então que desistiu de tentar me defender. Aquela foi uma lição valiosa que aprendi. Eu não deveria esperar por alguém, porque ninguém iria tão longe para me salvar, nem mesmo meu próprio irmão.

Mas em Salavinder ela foi.

Caminho em direção a janela, cruzo os braços atrás das costas e espero que meu irmão retorne e continue o interrogatório. Ele é mais eficaz comigo do que qualquer torturador. Se o Rei possuísse esse conhecimento, teria mandado meu irmão desde o princípio e evitado todo aquele trabalho.

Balanço a cabeça para os lados e abro um sorriso. Certamente o Rei sabe disso, mas jamais perderia o gostinho de me relembrar dos métodos da minha criação. Posso tê-lo entregado uma imensa vitória, mas, graças a Helena, provavelmente minha recompensa será um encontro com a guilhotina.

Rakar retorna com uma nova garrafa em mãos. Com passos descontraídos ele me entrega uma nova taça. Imito seus movimentos e brindamos, levo a taça a boca e finjo beber um gole. Coloco-a no parapeito da janela e retomo minha posição procurando manter a Isabelle fora da minha cabeça.

- Melhor. Ele suspira e então continua: Onde paramos?
 Ah, sim! Em sua última carta, você mencionou algo sobre um duelo entre a Viajante e uma Guerreira.
 - A Ladra e a Guerreira Tina corrijo.

Meu irmão espera que eu elabore melhor minha resposta, mas me mantenho calado.

- Uma garota ele tenta manter a conversa —, apenas dezessete primaveras. Helena nos contou quando foi interrogada.
 - Dezoito corrijo com firmeza.

Meu irmão toma mais um gole de seu vinho e novamente espera uma resposta mais elaborada da minha parte, mas me mantenho impassível.

 Não foi o que Helena nos disse — ele diz na esperança que eu me justifique, mas sustento minha postura ao manter meus ombros rígidos e minha boca fechada.

Seus olhos analisam meu semblante inabalável. Ele então pigarreia ao se dar conta de que não vou ceder.

— Dezoito primaveras então.

Não digo nem gesticulo afirmativamente. Para me tornar o melhor Guerreiro desse mundo, precisei aprender que para ter minha palavra levada a sério não devo criar justificativas. Um fato é um fato e postura carrega mais significado do que palavras.

— Ainda sim, apenas uma garota — ele diz. — Nossa maior ameaça uma garota de apenas dezoito primaveras. — Rakar cruza os braços atrás das costas, da mesma forma que eu, mas se movimenta com menos rigidez e me analisa. — Mas você não acredita que seja ela.

O futuro Rei não pergunta, ele afirma enquanto mede minha postura. Não aceno em concordância, fico parado a espera que acabe com sua análise.

 Você não a trouxe para cá durante todo o tempo em que esteve ao seu lado.
 Suas palavras são ditas de forma a esconderam sua acusação, mas noto mesmo assim.
 E nem mesmo Helena. Aperto minhas mãos, escondidas em minhas costas, e procuro manter meus pensamentos reservados para mim mesmo, só assim serei capaz de sustentar minha postura sem me entregar a meu irmão por meio de expressões.

— Fui criado e forjado para aquela missão em Fayrehal. Eu deveria abandonar minha posição estratégica por uma ladra?

Sustento seu olhar com firmeza enquanto Rakar tensiona o maxilar. Talvez o fato de a Isabelle ser uma ladra será o que sustentará minhas ações. Exatamente isso é o que ainda cria dúvidas de ela ter ou não ligação com a lenda.

Rakar relaxa e coloca uma mão sobre meu ombro.

- Você fez certo. Era uma decisão difícil, porém, finalmente conseguimos enfraquecer Ponda perante os nobres. Será questão de tempo até colocarmos outro ministro em Fayrehal. Rakar fica em silêncio por alguns instantes e pigarreia. Não compreendo o que aconteceu depois da sua última carta. Se não me falha a memória, suas últimas palavras em relação a Ladra foi um breve relato de um duelo.
 - Correto confirmo.
- O que aconteceu depois? ele pergunta ansioso, deixando de lado sua cautela. — Vou ser franco com você, a história da Helena levantou dúvidas quanto a lealdade dos dois, principalmente a sua. Mas posso dar um jeito de reverter sua situação caso você, meu irmão, me conte o que de fato aconteceu.

Eu sabia que voltar para o palácio poderia ser o meu fim e mesmo assim não pensei duas vezes em deixar os rebeldes, logo após a Isabelle ir embora, para me submeter por vontade própria a isso. Entreguei Ponda em uma bandeja de prata para o Rei, mas sinto o gosto amargo do fracasso em minha boca.

— A Ladra fugiu de Fayrehal com ajuda da Guerreira Tina. — Digo com firmeza e sucintamente — A sede de poder do Ponda não alterou seu julgamento apenas para mim, mas para ela também. Todos estavam acreditando na história dele, de que ela fazia parte da lenda. Quando concluí minha missão, decidi dar um basta naquela história e fui atrás delas na intenção de levar a Ladra de volta para o seu mundo antes que o Rei desperdiçasse mais dinheiro e esforços atrás de boatos enquanto os rebeldes se infiltravam em nosso Reino e os países de baixo avançavam suas tropas sobre nós.

Não digo de forma direta o atentado a Salavinder para não deixar evidente minha acusação ao reinado do nosso pai, que tem influência do meu irmão, mas a forma como seus ombros enrijecem me diz que não obtive êxito.

— Se não tivéssemos gastado nossos esforços atrás de boatos, nos dias de hoje, Salavinder estaria entregue aos rebeldes. — Assinto mesmo quando nós dois sabemos que tudo não passou de um golpe de sorte. — De qualquer forma, Helena nos disse algo que prefiro duvidar a respeito daquela fatídica noite. — Seus olhos faíscam e sua voz endurece.

O certo seria me entregar ao Rakar, deixar que Helena leve toda a glória da nossa missão em Fayrehal e que esse meu erro seja pago com a minha vida. Mas não estou disposto a isso.

- Estávamos perto de levá-la de volta ao seu mundo quando os rebeldes apareceram em nosso caminho.
 - E então vocês se aliaram a eles.

Ignoro sua interrupção e continuo:

 A Ladra e a Guerreira Tina se aliaram a eles e, consequentemente, fizeram com que os *meus* planos mudassem.
 Teria sido fácil raptá-la e levá-la de volta para seu mundo, não fosse um Sensitivo entre os rebeldes.

Rakar se senta na poltrona novamente e me fita com interesse.

- Essa parte Helena não nos contou.
- Poucos são capazes de perceber um descendente dos Drakars com facilidade, ainda mais um com poderes tão sutis.

Rakar fecha o semblante e estala a língua em desagrado.

- Essa história está cada vez mais interessante. Rakar me analisa com afinco e coloca um tornozelo sobre o joelho. Um descendente dos Drakars aliado aos rebeldes.
- Exato. Por isso esperei o melhor momento para agir. digo com o maxilar cerrado. Eu estava coletando as informações do planejamento deles de invadir Salavinder, com o intuito de reportar ao Máximus. Porém, era desnecessário, uma vez que os rebeldes estavam tão desesperados a ponto de confiarem em mim. Abracei a oportunidade e enfraqueci o plano deles de forma que não teriam resultado algum e eu ainda conseguiria raptar a Ladra. Naquela noite,

fui traído duas vezes. Por eles, que fingiram concordar com o meu plano, mas fizeram tudo ao contrário, e por Helena, que se virou contra mim no meio do caos. Fui salvo pelos rebeldes e assim que recuperei minhas forças vim para esse palácio, onde fui recebido com tortura.

Um breve sentimento de culpa perpassa o semblante do meu irmão.

— Não tive participação no seu interrogatório. — É o mais próximo de um pedido de desculpas que recebo. — Certo. Você cumpriu sua missão em Fayrehal e, acreditando que a Viajante na verdade era apenas uma ladra que, acidentalmente, roubou o Orientador, você quis garantir que nós não desperdiçássemos esforços atrás de uma pista falsa. Até consigo entender o equívoco em seu julgamento, mesmo que isso nos tenha custado muito. Se tudo o que diz é verdade, e eu acredito que seja, o que não consigo entender é por que Helena se voltaria justamente contra *você*? Ela sabe sua verdadeira identidade e decretar que te matassem é o mesmo que vir até mim e pedir para matá-la com minhas próprias mãos.

Porque naquela noite existia uma escolha a ser feita por nós dois. Helena se ateve ao juramento da Coroa enquanto eu me mantive preso ao juramento de espada, o qual jurei levar a Isabelle em segurança de volta ao seu mundo. Isso consistia em lutar até mesmo contra o BOP.

Fracassei. Até poucos momentos antes da luta, eu acreditava que a presença da Isabelle nesse mundo era um terrível engano, mas mesmo assim eu deveria ter feito o mesmo que Helena. Aquela situação era totalmente diferente da qual passamos com os Guerreiros de Fayrehal, onde lutamos ao lado da Guerreira Tina e da Isabelle. Não era contra o Ponda que lutávamos e sim contra a própria Coroa. E eu deveria ser punido por isso.

Rakar toma esse meu silêncio como os outros anteriores, ao invés de uma confissão do meu erro.

— Há algo mais? — Ele me pergunta.

Não temo a morte, se assim o fosse, eu não teria vindo até esse palácio por conta própria sabendo que existe uma grande chance de que minha vida termine aqui a mando do Rei. Por isso, não é por medo que deixo de confessar meus crimes diante a Coroa.

Pigarreio e faço minha jogada mais arriscada de todas.

— Máximus não teve participação alguma naquela luta. Assim como Helena, ele sabe minha verdadeira identidade e não quis se voltar contra mim atraindo para si a sua ira. — digo.

Se Rakar entende minha intenção ao citar a presença de Máximus naquela noite, não demonstra. Posso não estar vivo no dia de amanhã, mas embora eu tenha cometido um erro em Salavinder, a minha lealdade é com o Reino. É por isso que voltei mesmo quando poderia ter fugido.

Desenho em um papel um mapa que leva diretamente ao esconderijo dos rebeldes indicando todas as coordenadas do local próximo da cordilheira. Escrevo o nome de todos os rebeldes e das pessoas que eles salvaram de Salavinder, dando inclusive as características de suas fisionomias. Estendo a folha ao Rakar.

Finalmente meu irmão parece acreditar na minha versão da história. Ele me abraça e coloca ambas mãos em meus ombros.

— Estou feliz por você ter retornado.

Faço um gesto discreto com a cabeça em concordância. Meu irmão se retira dos meus aposentos e me sinto pior dentro destas quatro paredes do que me sentia na sala de tortura.

Não preciso confirmar para saber que sou um prisioneiro nesse quarto até que tudo se resolva. Espero que Máximus retribua o favor de anos atrás e mantenha a minha versão dos fatos.

O meu destino está nas mãos do meu antigo companheiro de luta. Não aposto muito alto, uma vez que éramos três e um deles já se voltou contra mim.